

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	Anno	Fr.	14 »
	Semestre	—	7.50
	Numero avulso	—	0.30

ENTREVISTA

com o snr.

LÉON POINSARD

*Cavalleiro da Legião d'Honra, Vice-Presidente do "Bureau International de l'Union
pour la Protection des Œuvres Littéraires et Artistiques",*

Conselheiro do Commercio Exterior da França

SUMMARIO : As seducções da Cidade ou a Pastoral frustrada. — Manhã em Berne. — O snr. Léon Poinard e as suas impressões de Portugal. A vida social e politica. — Guerra aos ricos. A « nodoa d'azeite ». — A lei do divorcio e a desorganização da familia. — A campanha anti-religiosa. Rodrigo, em guarda ! Arrebita, Estevão !... — A questão da emigração e as piruetas sociologicas de snr. Bernardino.

O que conta o snr. Poinard d'El-Rei D. Manuel. O Soberano visto pelo sabio. — Uma aspiração « ominosa » : o « Rei dos que trabalham ». — Um questionario d'El-Rei ao snr. Léon Poinard.— Depois da revolução. Uma tocante homenagem ao Senhor D. Manuel II.



UMA bella manhã accorda-se melancolicamente a ruminar que Paris é bom, mas com a condição de nos desenojarmos d'elle, dando de longe em longe um salto ao campo.

Esta insignificante ideiasinha insiste, insiste... Timida e imprecisa como é, consegue ainda assim presidir-nos á *toilette* e impregnar d'um sabor especial o pão, o bife e os ovos do nosso almoço ; depois, quando a gente chega aos *boulevards*, com certeza a maldita se nos insinuára na copa do chapéu, porque nos faz sobre a cabeça uma tal impressão...

Oh ! este indefinido, insupportavel, obsediante odor da cidade, feito das baforadas acidas da gazolina, das picantes emanações do alcatrão revestindo os *trottoirs*, do resfolegar das chaminés, dos perfumes discordes das mulheres que passam, do halito de cosinha e de tabaco expellido pelas bocarras mornas dos *restaurants* que incessantemente bocejam sobre a rua — tudo isto combinando-se e fundindo-se, por obra da mais diabolica alchimia, n'uma fumarina parda que nos envolve, que nos persegue, que nos estonteia e acaba por crear-nos um ambiente, atravez do qual o sentimento das coisas soffre refrações como a visão e o mundo começa de apparecer-nos extravagantemente desproporcionado, desordenado, tal episodio de bastidores valendo por um conflicto europeu, tal meio-sorriso colhido de passagem á flôr d'uns labios ignotos bastando a nos despedir a phantasia em allucinadas upas por sobre o torvo precipicio dos amores eternos e fataes !...

Esta multidão sem fim que nos acotovella, que nos empurra, que fixa implacavelmente nos nossos os seus mil olhos de tristeza, ou de odio, ou de desespero, ou de cólera, d'espanto, de pavor, de triumpho, e atravez da qual é preciso caminhar n'uma especie de dansa bizarra e caricata, ora estugando o passo ora detendo-se, ora insinuando-se de perfil, ora em grupos que vertiginosamente se arremessam ao travez d'uma rua como bando de doidos

intermittentemente accommettidos por accessos de panico ou de furor !...

E onde está o compositor *futurista* que ha de dar-nos a descalabrada harmonia d'estes roncões de buzina erguendo-se de toda a parte como um clamor immenso de monstros apocalypticos, d'este rolar surdo e interminavel sobre os parallelipedos da rua, d'este tilintar de campainhas que nos acicata o ouvido ao longo de cada predio, d'esta confusão inextricavel de pregões e de gritos, d'este marulhar de dissonancias, que parecem planar na atmosphaera n'um amalgame irrequeto e informe?... Onde está elle, que o queremos esganar?

Por outro lado, que doce serenidade a da provincia, lá n'um cantinho discreto, longe do mundo, longe do bulicio, longe de tudo, como costumam dizer as jovens romanticas na ante-vespera das grandes resoluções !... Viver oito dias de paz, de recolhimento, de labor calmo e fecundo, cerzir e pôr em ordem os desirmanados farrapos d'ideias que os baldões da existencia citadina nos teem a trouxe-mouxe atirado para o espirito, commungar na Natureza, reverentemente, depois de feito nos seus limiares um acto de contricção de tanta culpa, de tanto erro, de tanta absurdidade da mofenta e delirante vida em que nos perdemos !...

E aqui, é escusado observar que para o habitante de Paris, quer elle queira quer não, desde que lá tenha residido mais d'um anno, por estas expressões *campo, provincia, Natureza* com as inherentes ideias de candura, de bucolismo, de solidão purificadora, implicitamente se entende toda a porção do orbe da terra situada exteriormente á linha polygonal das fortificações : tal como Sèvres, Charenton, Bois-Colombes, S. Petersburgo, Vienna d'Austria ou a Côte d'Or.

Para mim, d'esta feita, foi Berne.

Uff ! que allivio, quando o expresso de Milão arranca resolute da estação do P. L. M. e vae deixando atraz de si a *Urbs* odiosa, com a sua electricidade, o seu vapor, as suas turbas, as suas cortezãs, os seus

bonisseurs, o seu metropolitano, e toda a sua hypercivilização execravel ! E quando na região do Jura apercebemos, da nossa carruagem aquecida e estofada, o infinito lençol de neve de que a boa *Alma-Mater* se revestiu, como d'um manto festivo, para agradar ao filho prodigo e transviado ! E as cristas pujantissimas dos Alpes que se acastellam ao longe, despedindo pelo espelho dos seus eternos gelos rajadas de sol, e desde tão distantes horisontes nos subjungando ainda com o encanto subtil e mysterioso das coisas virginaes !

Assim se desembarca em Berne, ao lusco-fusco, sob o prazer incomparavel, feito de curiosidade e de enleio, de conhecer *novas terras, novas gentes*...

— Quê? Não ha um *taxi-auto*? ! Mas é possível que não haja em todo o mundo *taxi-autos*? Eis uma coisa que é abominavel ! Vou então vêr-me forçado a carregar com o meu sacco de viagem para um hotel que não sei qual é, atravez d'uma cidade desconhecida?!... Ah ! bom, arranja-se ao menos uma tipoia. Em summa, é sempre melhor do que uma caminhada a pé... Mas que é isto, santo Deus? Que esquisita ideia de me fazerem transportar n'uma berlinda do tempo do Imperio ! E o que isto solavanca, como o banco pula, como as vidraças saltam ! Então não vae esta traquitana desconjunctar-se-me á meio do caminho?...

Ah, não... Chegámos. O hotel é sympathico, as pessoas affaveis, o jantar appetitoso e reconfortante... Vamos, tambem não era caso para esses maus-humores ! Reconciliemo-nos. Tomemos um charuto, um d'estes optimos charutos suissos, que são quasi de graça, e toca a flunar um pouco pela terra, vêr gente, colher aspectos...

Como assim? ! Mas não ha duvida nenhuma que o meu relógio regula, são bem oito horas da noite... Como se comprehende que ninguem ande pelas ruas, que apenas, de longe a longe, um vulto apressado vá palmilhando o passeio ao longo das paredes, na obscuridade que os raros reverberos não vencem ; que as casas, aferrchadas d'alto a baixo, não deixem sequer

transparecer uma suspeita da vida que decorre por detraz d'aquellas persianas, que encobrem uma dupla vidraça, além da qual um reposteiro cáe em pregas rígidas e cerradas !...

E diz-me este obsequioso agente de policia que não ha em Berne um café digno de tal nome — isto é, que os chamados cafés da cidade são uns acanhados estabelecimentos, desprovidos de terraço e com as portas da rua fechadas, onde os freguezes vão tomar café ! É isto proprio d'uma capital? !

Não resta pois senão regressar ao hotel, tenteando nas trevas, patinhando sobre a neve que forma a todo o longo da rua uma papa viscosa e lamacenta. Recosto-me á borda do leito. No corredor, quebrando o largo silencio da mansão, o pessoal faz os ultimos arrumos, troca ordens e instrucções no seu imper-
scrutavel dialecto. A creada de quarto pergunta coisas em *au*, o creado de meza presta-lhe esclarecimentos em *of*... É o campo, é a provincia, é a boa mãe-Natureza!...

São nove da noite. Tomo o *EXCELSIOR* que comprára pela manhã em Paris. A esta hora canta-se a *Manon* na Opera-Comica, representam o *Cyrano* na Porte-Saint-Martin. E nos cafés, regorgitantes de gente, tocam-se valsas allemãs... E os *boulevards* são uma feira, illuminada por mil lumes palpitantes e polychromos... As mais bellas mulheres de Paris estão nas ruas, nos theatros, nos concertos ; por toda a parte rebrilham joias sobre a rosea carnadura, ou convencionalmente havida como tal, de collos soberbos...

É ha todas as manhãs um rapido para Paris !... É tão simples, tão commodo, tão expedito...

Sume-te, tentação do inferno !



Manhã em Berne. A tentação, falando boa verdade, só na manhã seguinte se sumiu, ao espectáculo infinitamente pittoresco da cidade tapetada de neve e resplandesciente de sol, cujas pallidas faiscas se propagavam como de reflector em reflector até os mais remotos e indecisos pinaculos da Oberland.

Berne é por certo das mais curiosas terras que existem, construída em andares sobre a lombada de collinas abruptas em cujo sopé o Aare caprichosamente se enrosca, e conservando principalmente nos velhos bairros todo o character dos medievaes burgos germanicos, com as suas arcadas baixas e profundas, as suas habitações encavalladas em muros de suporte, espessos e inclinados como paredões de fortaleza, as suas taboetas allegoricas pendendo de estylizados braços de ferro que se alongam até meio da rua e lhe formam como uma ornamentação de permanente arraial, as suas grandes e ingenuas figuras allusivas ou os seus disticos desenhados em letra gothica a todo o comprimento da cervejaria, da hospedaria, da officina, da loja de commercio, — dentro da qual se cuida lobrigar algum forte soldadão de coiraza e elmo, fazendo correger a durindana ou assertoar o talabarte...

É bem um logar propicio ás uteis reflexões, á elaboração serena e harmonica das obras do espirito, pensei ; e isto me fez lembrar do sabio eminente que trabalha n'aquelle ninho d'aguias, o snr. Léon Poincard, cujo nome illustre quasi se popularisou entre nós depois do inapreciavel volume que publicou sobre o paiz, e do qual um dos nossos mais insignes scientistas e professores nacionaes me dizia em tempos, com justificada razão, que não tem o direito de ignoral-o nenhum homem que em Portugal pretenda governar ou exercer como quer que seja alguma acção dirigente.

Como ainda ha pouco El-Rei, na entrevista que se dignou conceder-me e que os leitores conhecem, alludira precisamente á missão do snr. Poincard em Por-

tugal, isso mesmo me fez nascer a curiosidade d'ouvir d'aquelle homem de sciencia, simultaneamente, o seu parecer desapaixonado e insuspeito sobre a actual situação portugueza, no ponto de vista economico e social, e tambem as suas impressões particulares sobre a personalidade de El-Rei D. Manuel.

Estas impressões se me afiguravam antecipadamente tanto mais dignas de interesse, quanto é certo que o snr. Poinsard, no desempenho d'aquella sua alludida missão, teve com S. M. um convivio, além de assiduo, alheio a qualquer correlação politica; havendo assim logrado — o que é prazer raro para um observador estranho á côrte — vêr um Monarcha entregue ás occupações da sua função no Estado, mas sem serem as de resolver crises ministeriaes ou de presidir a solemnidades publicas, as quaes constituindo os mais ostensivos e notorios affazeres d'um Rei, não são sempre, decerto, os que elle mais estima, nem os que lhe tomam a melhor parte do seu tempo...

Annunciou-me o telephone que o snr. Poinsard estaria ás 11 e meia no seu escriptorio de Helvetiastrasse. Tive tempo d'ir ali perto dar uma volta rapida pelo Museu Historico, onde havia para ver os graves *interiores* da velha Helvecia patriarchal, com o seu pesado mobiliario d'um sabor germanico, os seus vitraes monochromos, sua inevitavel Biblia patenteada sobre a estante rude, e seus caracteristicos fogões architecturaes em grés, importados primeiro de Nuremberg, pelos meados do seculo XV, fabricados mais tarde em Berne mesmo pelo celebre Frutting, no alto dos quaes a dona de casa presidia á lide domestica como d'um throno, e em cujas pilastras se inscreviam, entre desenhos allegoricos, sentenças evangelicas ou austeros e sãoes preceitos de moral publica...

A' hora combinada, emfim, trocava o museu pelo gabinete do sabio.

O snr. Léon Poinsard está longe de ser aquelle ancião de longas barbas que naturalmente imagina quem o conhecer apenas pela sua solida reputação e pela somma de profundo, paciente e lucido trabalho

que se accumula nos seus numerosos volumes de economia, de sociologia e de direito, e sobretudo na sua monumental obra que se chama LA PRODUCTION, LE TRAVAIL, LE PROBLÈME SOCIAL DANS TOUS LES PAYS, AU XX^e SIÈCLE.

É, pelo contrario, o que nós chamamos um homem na *força da vida*; a tal ponto que não pude soffrear um movimento de surpresa quando elle me disse que ia partir para França — para casar um filho.

A sua affabilidade e a sua boa-fé são as de todos os homens d'estudo para quem a sciencia é realmente um fim e um sacerdocio, e não (como em exemplos notorios entre nós se vê) um simples revestimento externo do mais toscó espirito jacobino, ou ainda uma especie de gazúa para ir pela Historia dentro derramar o *superavit* de peçonha, cuja producção exceda a capacidade de consumo das gerações contemporaneas...

Quando lhe falei no intuito fundamental da minha visita, o snr. Poincard manifestou-me a sua absoluta reluctancia em abordar os aspectos politicos da questão portugueza, de forma a que parecesse tomar nas nossas luctas partidarias uma posição qualquer n'um campo ou n'outro.

— Tambem não é isso o que lhe peço nem o que desejo — objectei. — Não venho perguntar pelos sentimentos do politico, demais tratando-se d'uma contenda a que é evidentemente estranho. O que eu queria era a consulta do homem de sciencia sobre algumas questões que me limitarei a pôr-lhe em these. Aos leitores cabe depois tirar as conclusões, até onde ellas fôrem adequadas ao nosso caso nacional — *aplicar el cuento*, como dizem os meus vizinhos hespanhoes.

Foi em taes condições e munidos d'este *vade-mecum* que entrámos na nossa conversa, entre um passeio pela ponte majestosa de Kirchenfeld e o almoço n'um *restaurant* da curiosissima Kramgasse — almoço em que o snr. Poincard soube ser ao mesmo tempo, além do mais amavel dos amphytriões, um grave mestre e um

entrevistando loquaz — associação felicissima, que só providenciaes designios deparam raramente ao jornalista...

Parece-me que a reproducção d'essa palestra não deixará d'offerecer um vivo interesse aos leitores da CHRONICA.



**Impressões
de Portugal.**

**A vida
social
e politica**

A primeira coisa que um portuguez pergunta ao estrangeiro que passou pelo seu paiz, é se tem boas impressões de Portugal. Diga-se de passagem, não sei se esta anciosa curiosidade revela em todos os casos um grande sentimento d'orgulho patriotico. Mas no meu, e tratando-se d'um homem eminente, dotado, de resto, de faculdades d'observação notabilissimas, a pergunta do costume estava mais do que indicada :

— Trouxe boas impressões de Portugal, não é verdade?

— Quando deixei o seu paiz, depois de o ter visitado e estudado em quasi todas as suas provincias, tirei d'elle impressões muito diversas, que, de resto, consignei no meu trabalho LE PORTUGAL INCONNU, publicado na SCIENCE SOCIALE e traduzido mais tarde em portuguez. Deixe-me dizer-lhe, a proposito, que essa traducção foi truncada sem minha licença. A ultima parte, que é a que descreve a vida publica, supprimiram-na pura e simplesmente, o que altera o caracter da obra.

— O que eu conheço é o texto francez — repliquei. — Essa espantosa *subtilisação* da ultima parte do seu livro não é senão um signal dos tempos que correm no meu paiz. Um volume interessante a publicar um dia é a *Historia da letra redonda*, ou *do que se disse e não disse na imprensa em Portugal* durante o regimen republicano. Em todo o caso, foi no texto francez que eu vi as suas lisonjeiras referencias a certas qualidades do povo portuguez, tomado no conjuncto.

— O povo portuguez — confirmou o snr. Poincard

— apresenta qualidades muito notaveis d'intelligencia, de docilidade, d'urbanidade, que o tornam agradável e sympathico. Possui tambem aptidões para o trabalho que seriam mais do que sufficientes para o fazer triumphar, se se encontrasse enquadrado por uma classe superior bem formada e activa.

Infelizmente, o que falta mais no seu paiz são exactamente esses quadros.

Encontrei, por certo, muitas pessoas que desenvolvem uma notavel actividade como agricultores, fabricantes, commerciantes, mas ainda assim não são nem bastante numerosas nem sufficientemente secundadas pelos poderes publicos. Em compensação, as carreiras intellectuaes encontram-se sobrecarregadas, além de que muita gente tem contra o trabalho um prejuizo absurdo e vê na ociosidade um signal d'aristocracia. Na nossa época, similhante prejuizo é fatal.

— Esses preconceitos — objectei — teem desaparecido muito desde ha alguns annos ; pode dizer-se que a nova geração ja os não soffre. As classes ricas deixaram de fazer systematicamente doutorar os seus filhos, e as principaes escolas d'engenharia, d'agricultura e mesmo de commercio, tanto em Portugal como no estrangeiro, contam hoje entre os seus alumnos rapazes não só da nossa burguezia abastada mas até da mais autentica e antiga nobreza de Portugal — que é entre nós, diga-se de passagem, talvez a classe de costumes mais simples e democraticos. Um qualquer *filho* arvorado pela revolução d'outubro em « diplomata » ou chefe de repartição é entre nós uma personalidade de muito mais circumstancia do que um rebento directo dos Albuquerque ou dos Gamas, ou um genuino descendente dos antigos reis d'Aragão...

Emquanto porém aos outros males da situação social e economica do paiz, a que acaba de referir-se, e que no seu livro trata com mais largueza — esses não se teem senão aggravado, desgraçadamente.

O Mestre conheceu os poderes publicos portuguezes sob a Monarchia. A sua obra na Republica é nefasta

em todos os sentidos ; mas no que diz respeito á desagregação economica do paiz é horrorosa...

O snr. Léon Poincard acudiu, no cuidado de fazer sentir os seus escrupulos :

— Eu não me pronuncio sobre a actual situação politica portugueza, que de resto conheço muito mal, porque diversos trabalhos desviaram d'ella a minha attenção desde ha mais d'um anno. Dada a organização defeituosa da classe superior, duvido que o novo governo chegue a bons resultados, a não ser que elle conseguisse modificar a educação geral, coisa pouco facil. Se esta educação se conservar tal qual é, a Republica encontrará os mesmos obstaculos que o regimen que a precedeu ; o que é infinitamente lamentavel, visto que — repito-o — o povo portuguez mereceria melhor sorte, que eu lhe desejo de todo o coração.

— A Republica não é victima d'obstaculos que ella não tenha creado — redargui. — Mas isso reporta-se exactamente ao ponto de vista politico, que o Mestre, muito justificadamente, não deseja abordar, e de que eu tambem prefiro não occupar-o, porque as suas palavras serão tanto mais auctorizadas quanto mais destituídas de qualquer significação partidaria.

O que não é politica, no peor sentido da palavra, é por exemplo a questão do aggravamento da contribuição predial, que vae fazer-se em Portugal em termos exhaustivos.

A contribuição O snr. Poincard advertiu :

predial.

**A guerra
aos ricos.**

**“ Como nodoa
d'azeite ”.**

— Eu desconheço o montante médio actual dos encargos fiscaes supportados pela propriedade no seu paiz.

— É de...

— Não, não — acudiu o pontilhoso homem de sciencia. — Nem

desejo sabel-o, para que não pareça que quero intervir concretamente com a minha opinião nas discussões actualmente travadas em Portugal sobre a nova lei tributaria. O facto certo é que o imposto deve sempre representar uma percentagem razoavel sobre

o rendimento do capital, qualquer que seja a sua natureza.

Desde que ultrapasse este limite, um governo produz perturbações economicas que se traduzem necessariamente n'uma *reducção das receitas publicas*. Assim, o que se apanha a mais por um lado encontra-se de menos por outro. É um circulo vicioso de que não ha maneira de sahir ; a experiencia tem sido feita muitas vezes.

— Pois o caso é sem duvida esse, com a aggravante de que a lei não estabelece para a contribuição predial uma taxa fixa e uniforme. Esta ha-de ser determinada circumstancialmente, para cada concelho, segundo as informações colligidas por delegados do governo. Que lhe parece este systema fiscal?

— Um imposto incerto, cuja taxa dependa de simples decisões administrativas, arrisca-se muito a constituir um instrumento de pressão politica. Nenhum parlamento consciante dos seus direitos e respeitador dos seus deveres se prestaria a acceitar semelhante regimen fiscal. Supponho que se terão estabelecido processos de fiscalização e meios de recurso proprios para evitar os abusos.

ANNIBAL SOARES.

(*Continua*)